



DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA DO PARKATÊJÊ

Marília FERREIRA¹ (UNICAMP/UFPA)

ABSTRACT: From a functional approach, this paper presents a descriptive sketch about the sociolinguistic situation of the Parkatêjê people. The history of that indigenous community, located in the southeast of the Pará state, can explain an important part of their sociolinguistical situation. To examine this can be useful for educational purposes.

KEYWORDS: Parkatêjê; Sociolinguistics; Contact; Education.

1. Objetivos do Trabalho²

Este trabalho tem por objetivo apresentar um esboço de análise da situação das línguas em contato na Comunidade Indígena Parkatêjê, no caso o parkatêjê e o português.

Em 1993, Araújo apresentou um trabalho sobre a situação sociolingüística da área, antes da experiência de implantação de uma Escola bilíngüe na comunidade que funcionou de 1990-1994. Pretendemos re-examinar a situação dessas línguas após a Escola ter ali funcionado. O fim prático desta pesquisa tem em vista fornecer informações de cunho sociolingüístico que sejam pertinentes à educação escolar bilíngüe na Comunidade, que deverá ser re-implantada, neste ano, com uma nova equipe de professores, que, de posse da avaliação da primeira experiência, tem traçados seus novos objetivos juntamente com a Comunidade.

Como afirma, Braggio (1992), não se pode esquecer de que “o conhecimento da situação sociolingüística é de fundamental importância para se implementar ou repensar programas educacionais para os povos indígenas.”

¹Doutoranda em Lingüística IEL/UNICAMP. Professora Assistente do DLLV/CLA/UFPA.

² Este trabalho deve ser apresentado, em um texto maior, como uma qualificação fora da área de tese, em Sociolingüística.



2. O Povo

Araújo (1989) relata um pouco da história do povo, que ora utilizamos para a compreensão da atual situação sociolingüística. O primeiro contato oficial com os Gavião, como eram conhecidos, data de 1956.

Até 1980, eles estavam divididos em duas aldeias: a dos “*parkatêjê*” e a dos “*ky&ikátêjê*” ou dos “maranhão”. Em 1976, iniciou-se um Projeto de Auto-Gestão de Tribos Indígenas decorrente de um acordo FUNAI/USP. A partir de 1980, juntaram-se essas duas aldeias, constituindo-se assim a razão social Comunidade Indígena Parkatêjê.

Anteriormente a isso, a situação das duas aldeias era bastante diferenciada em relação a aspectos culturais e linguísticos, embora geograficamente elas fossem bem próximas uma da outra. A meu ver, conhecer e compreender esses aspectos é de fundamental importância.

O grupo conhecido como Parkatêjê, também conhecido como grupo do Trinta, vivia em uma aldeia às margens da antiga rodovia PA-70 cujas casas estavam alinhadas em ruas, apesar de manterem a proximidade de acordo com o parentesco. Estando sob influência direta dos funcionários do Posto Indígena, eram estimulados a não preservar mais traços culturais como o corte tradicional dos cabelos (tanto homens quanto mulheres); proibidos de realizarem suas festas tradicionais, mantendo apenas duas “brincadeiras” – *wewejahôkti* e *me&jen* – por causa da obrigação de ter de trabalhar oito horas diárias na roça Não havia mais a Casa dos Homens. Corriam “tora” somente esporadicamente. E davam nomes *kupe* ① aos filhos. A língua falada diariamente era o português, porém os homens mantinham a reunião com o chefe, momento em que a língua falada era o *parkatêjê*. Da culinária, as mulheres ainda faziam o *kuputi* em ocasiões especiais.

O grupo dos *Ky&ikátêjê* moravam em aldeia circular, distante um quilômetro da margem da mesma rodovia e quatro quilômetros da aldeia dos ‘*parkatêjê*’. Preservavam os traços culturais, como corte tradicional dos cabelos. Seguiam o calendário das festas tradicionais, corriam “tora” e faziam “brincadeiras”. Usavam o *hôhi* ①. As crianças recebiam nomes tradicionais, embora alguns mais velhos tivessem “apelido” *kupe* ①. À exceção do chefe tradicional, os índios eram monolíngües de *parkatêjê*.

A junção dos dois grupos num só permitiu a recuperação dos sistemas de metades rituais. Era um recomeço...um novo ciclo, que, como bem frisa Araújo (op.cit.), não era só uma reprodução do passado.

Atualmente, a Comunidade é constituída por cerca de 400 pessoas; a maioria oriunda do povo conhecido como Gavião-Jê e três gerações de seus descendentes. Há índios de outras etnias (Oyâmpi, Guaraní e Tembê) vivendo na aldeia bem como algumas mulheres *kupe* ① que lá vivem por causa de casamentos inter-raciais ou por terem sido levados por decisão do órgão tutelar FUNAI.



Vemos, então, que várias línguas estão convivendo na comunidade, de diferentes modos e em diferentes situações... Neste trabalho, porém, trataremos preliminarmente do contato entre o parkatêjê e o português.

3. Esboço Descritivo da Situação Sociolingüística

Da perspectiva funcional, uma situação de diglossia³ existe quando duas línguas são utilizadas nas comunidades bilíngües, com funções específicas para cada domínio social. (Braggio, 1992).

Desse ponto de vista, podemos dizer que a situação de diglossia entre os Parkatêjê não é estável, tendo em vista o intenso contato, quase que diário, entre a Comunidade e os *kupe*®. Ora, uma situação sociolingüística está bem definida quando os falantes sabem quando usar uma e/ou outra língua. Braggio (1998:123) afirma que “uma vez rompida essa regra a situação sociolingüística passa a ser instável, sem diglossia. Ou seja, se a língua adquirida pela criança passa a ser a portuguesa é porque os falantes não têm mais claro quando usar uma ou outra língua.”

A situação de bilinguismo⁴ é massiva, havendo já falantes monolíngües na terceira e quarta gerações⁵. Tais afirmações são feitas com base em observações que fizemos durante nosso trabalho de campo bem como fundamentadas na análise de um questionário específico para verificação da situação sociolingüística com perguntas relacionadas à facilidade das línguas utilizadas; ao uso das línguas de acordo com os domínios sociais e com relação

³ O dicionário de lingüística de Dubois (et alli) define diglossia da seguinte forma: ‘1. Dá-se de maneira geral o nome de diglossia à situação de bilinguismo. 2. Dá-se às vezes a diglossia o sentido de bilíngüe, na qual uma das duas línguas é de status sócio-político inferior. (...) 3. Às vezes, chama-se diglossia a aptidão que tem um indivíduo de praticar correntemente outra língua, além da materna.’ Braggio (1998:122) diz que para os funcionalistas “uma situação de diglossia existe quando duas línguas são usadas nas comunidade bilíngües com funções específicas para cada domínio social, como a casa, o trabalho, a vizinhança etc. funções bem claras para os seus falantes, levando-se em consideração, “quem fala, que língua, para quem, quando e com que intenção”. Nesses termos teríamos uma situação de bilinguismo estável com provável manutenção da língua nativa.”

⁴ De acordo com Fishmann (citado por FARGETTI, 1993:371), *diglossia* remete à função social das variantes numa comunidade de fala e *bilinguismo* remete à aquisição e uso de duas línguas por um indivíduo.

⁵ Terceira e quarta gerações contando-se, a partir da geração do chefe, isto é, de pessoas com cerca de sessenta anos de idade, que são os sobreviventes, por assim dizer, do grande grupo Gavião-Jê, que restou após o contato.



às preferências lingüísticas, que aplicamos, com o auxílio da Profa. Leopoldina Araújo, a 50% da Comunidade, em janeiro e fevereiro deste ano.

A língua portuguesa tem ocupado grande espaço na interação verbal cotidiana da Comunidade, por uma série de fatores, tais como, contato para venda de castanha com os *kupe*^Q; casamentos inter-raciais; proximidade da aldeia em relação à cidade; influência de rádio e televisão.

Os mais velhos falam uma variante do português regional com muitas marcas da língua indígena. A segunda geração fala tanto o parkatêjê quanto o português, com ênfase nesta última.

Uma das preocupações mais constantes dos mais velhos tem sido com a preservação da língua. Para isso, tem-se mantido as crianças alfabetizadas em aulas de parkatêjê, as quais são ministradas por um falante nativo. Os homens mantêm o hábito de se reunir à noite com o chefe no pátio, onde falam somente o parkatêjê para discutir as mais variadas questões internas da Comunidade. Bem como também, reúnem-se os mais velhos da primeira e segunda gerações (homens e mulheres), todos os finais de semana num local específico, para jogar flechas dentre outras atividades tradicionais. Nesse lugar, a língua indígena é falada preferencialmente. Ficou-me a impressão de que estar no Acampamento é “estar imerso no espírito de antigamente”.

A Escola é vista pelos Parkatêjê como a grande aliada no que se refere à preservação de sua língua e de sua cultura, sendo vista como “instrumento de luta e resistência”, no dizer de Araújo, daí o valor que se lhes atribuem.

Há muitas outras questões relacionadas à situação sociolingüística da Comunidade, como os empréstimos, por exemplo, que devem ser tratadas com mais detalhes em trabalhos futuros, a fim de servir como suporte para uma implementação cada vez mais adequada dos conteúdos nos programas de educação escolar para eles. Além de servir de referencial, se for o caso, para a análise gramatical da língua, na qual tenho trabalhado.

À guisa de conclusão deste texto, mais uma vez rememoro as palavras de Braggio (1998:123) “Como estamos trabalhando com línguas com mais e menos poder, de maior e menor prestígio, o que geralmente ocorre nessas situações é o deslocamento, a substituição da língua nativa pela oficial. Historicamente, então, o que se tem observado é que uma comunidade monolíngüe em sua língua, torna-se bilíngüe, e, finalmente monolíngüe em língua portuguesa. *É nesse sentido que uma pesquisa sociolingüística é de vital importância, já que a perda da língua nativa não ocorre subitamente, mas gradualmente, às vezes levando até três gerações para que a mudança se efetue.*” (grifo meu)

RESUMO: De uma perspectiva funcional, este trabalho apresenta um esboço descritivo da situação sociolingüística da Comunidade Indígena Parkatêjê, que vive no sudeste do estado do Pará. Conhecendo a história dessa Comunidade, pode-se compreender uma importante parte de sua história sociolingüística. Os resultados de uma pesquisa desse cunho fornecem bons subsídios para a educação escolar indígena.



PALAVRAS-CHAVE: Parkatêjê; Sociolinguística; Contato; Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. 1992a. *De Gavião a Parkatêjê: Reconstruindo a Identidade*. (manuscrito de apresentação feita oralmente).
- _____. 1992b. *Para o Ensino Escolar da Língua Parkatêjê – Anotações da Gramática*. (manuscrito).
- _____. 1993a. *Resistência Cultural dos parkatêjê: A situação de bilinguismo*. In: Anais da III Reunião Regional da Associação Brasileira de Antropologia.
- _____. 1993b. "Fonologia e grafia da língua da Comunidade Indígena Parkatêjê". In: SEKI, Lucy (org.) *Linguística Indígena e Educação na América Latina*. pp. 265-272.
- _____. Culture, langue et patrimoine. (manuscrito sem data).
- _____. 1996. *As línguas indígenas na Amazônia*. Semana do Índio/Abril. (manuscrito apresentado na SEDUC).
- _____. Uma descrição do dialeto Parkatêjê-Timbira. Programa de Pós Graduação em Letras/UFG. Curso Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras. (manuscrito sem data – aula do curso de mestrado em linguística).
- _____. *Escola: Instrumento de resistência dos Parkatêjê*. (manuscrito sem data).
- ARAÚJO, Leopoldina M. S. e Marília Ferreira Borges. 1995. *Noções de Linguística*. (manuscrito apresentado no Curso de Indigenismo SEDUC FUNAI – 21 a 26 de agosto).
- BRAGGIO, Silvia Lúcia Bijongal. 1999a. Contribuições da Linguística para o ensino de línguas. Goiânia. Cegraf/UFG.
- _____. 1999b. Sociedades indígenas: a escrita alfabética e o grafismo. In: BRAGGIO, Silvia Lúcia Bijongal. 1999a. Contribuições da Linguística para o ensino de línguas. Goiânia. Cegraf/UFG.
- _____. 1998. Contato entre línguas: Subsídios para Educação Escolar Indígena. In: *Revista do Museu Antropológico. Universidade Federal de Goiás* V. 2, n. 1. P. 1-152. Jan./dez.
- _____. (org.). 1995. Contribuições da Linguística para a Alfabetização. Goiânia. UFG.
- _____. Situação Sociolinguística dos povos Indígenas do estado de Goiás e Tocantins: subsídios educacionais. In: *Revista do Museu Antropológico. Universidade Federal de Goiás*. V.1, n. 1, p. 1-76, Jan./Dez.
- DUBOIS, Jean et alli. *Dicionário de Linguística*. São Paulo. Ed. Cultrix.
- FARGETTI, Cristina Martins. 1993. Comunidade Juruna: abordagem preliminar da etnografia da comunicação. In: SEKI, Lucy (org.) *Linguística Indígena e Educação na América Latina*. Campinas. Ed. UNICAMP. pp. 365 375.



- MEDEIROS, Maria do Carmo Ivo de. 1993. Uma abordagem preliminar da etnografia da comunicação na Aldeia Mehinaku – Alto Xingu. In: SEKI, Lucy (org.) *Linguística Indígena e Educação na América Latina*. Campinas. Ed. UNICAMP. pp. 377-385.
- MELO, Heloísa Augusta Brito de. 1999a. A mudança de código no processo de aquisição de duas línguas. In: BRAGGIO, Silvia Lúcia Bijongal. 1999. *Contribuições da Linguística para o ensino de línguas*. Goiânia. Cegraf/UFG.
- _____. 1999b. *O Falar Bilíngüe*. Goiânia. UFG.
- NIWA, Sônia Lumi. 1999. *Entre Dois Mundos: A alternância de código na fala de nisei de Tomé-Açu*. Dissertação de mestrado. Curso de Pós-Graduação em Letras. UFPA. Inédita.
- RIBEIRO, Rivail Eduardo, Luiz Maurício Rios e Monica Veloso Borges. 1993. Descrição da situação sociolingüística dos índios Karajá de Aruanã. In: *Signótica – Revista do Mestrado em Letras e Linguística*. Universidade Federal de Goiás. Ano 5, janeiro/dezembro. Editora UFG.
- SEKI, Lucy. 1993. Notas sobre a história e a situação lingüística dos povos indígenas do Parque Xingu. In: SEKI, Lucy (org.) *Linguística Indígena e Educação na América Latina*. Campinas. Ed. UNICAMP. pp.89-117.
- VALE, Maria do Socorro Silva do. 1999. Situação sociolingüística dos Karajá de Santa Isabel do Morro e Fontoura. In: BRAGGIO, Silvia Lúcia Bijongal. 1999. *Contribuições da Linguística para o ensino de línguas*. Goiânia. Cegraf/UFG.
- _____. 1996/1997. Aquisição e Usos de Línguas na Sociedade Karajá. In: *Letras em Revista – Faculdade de Letras*. Universidade Federal de Goiás. V. 7/8, n. 1, p. 1-223, jan./dez 1996/1997. (Editora UFG)
- _____. 1995. *A Situação Sociolingüística dos Karajá de Santa Isabel do Morro e de Fontoura: Uma Abordagem Funcionalista*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em lingüística. UFG. Inédita.